
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLACURÍA, Ignacio: *Quinto Centenário América Latina: descubrimiento o encubrimiento?* — Barcelona: Cristianisme i Justícia, 1990. 16 pp., 20,8 x 15,2 cm. ISBN 84-86906-77-6

“Cristianisme i Justícia” é um organismo de reflexão cristã, constituído por teólogos, sociólogos, economistas, historiadores e outros especialistas de língua catalã, preocupados com a prática em favor da justiça em âmbito local e internacional. Em face do quinto centenário da América Latina que vem despertando muito interesse na Espanha como ocasião de festejar uma das páginas mais gloriosas de sua história, “Cristianisme i Justícia” pediu a I. E. um artigo sobre o tema, numa perspectiva latino-americana. O assassinato do A. pelas forças militares salvadorenhas em novembro de 1989 impossibilitou a realização do trabalho. Entretanto, “Cristianisme i Justícia” não quis se deixar vencer por essa adversidade. O presente texto foi tomado da gravação de uma palestra de I. E., em janeiro de 1989, naquele centro de investigação.

Para ver o “descobrimento” a partir da América Latina (=AL), o A. se reporta à realidade de hoje, observando que a mesma história, a mesma atitude frente à AL, se repete com novos protagonistas (especialmente os Estados Unidos). Essa atitude é caracterizada como um “*cobrir* uma realidade que fundamentalmente é de domínio e de opressão, com um manto ideológico muito bonito, mas que não é mais que pura fachada” (4). Jogando com a palavra “descobrimento”, o A. denuncia que a primeira coisa que acontece ao conquistador ou dominador é que ele próprio “se põe a descoberto”. Assim aconteceu à Espanha do séc. XVI e à Igreja de então. “Elas se puseram a descoberto, se desnudaram sem dar-se conta, porque o que fizeram com relação à outra parte foi ‘encobri-la’, não ‘descobri-la’. Na realidade é o Terceiro Mundo quem descobre o Primeiro Mundo em seus aspectos negativos e em seus aspectos mais reais” (5).

Basta enunciar esta quase-tese para perceber a genialidade da dialética que revela, e a objetividade da análise que permite. Ela é aplicada pelo A. também à Igreja do séc. XVI, da qual o “descobrimento” permite descobrir o que há de bom e o que há de mau. Novamente aqui o A. sabe atualizar. Entre as coisas más que se descobrem na Igreja de então, ele cita: “sua propensão a identificar-se com o poder e a riqueza — que é um elemento permanente de tentação na Igreja —, sua sutil tendência a preferir e priorizar sua ‘Institucionalidade’ sobre sua ‘missão’ — realidade esta também muito atual” (8).

Resumindo com as palavras do A.: “na primeira entrada da Europa, encabeçada pela Espanha e Portugal, no âmbito do que hoje é a AL, o que se pôs de manifesto foi um ‘descobrimento de quem conquista’ e um ‘encobrimento violento e violador dos povos ali existentes’, de sua cultura, de sua religião, de suas pessoas, de

suas línguas. [...] Este encobrimento profundo deu lugar a uma 'nova cultura', 'nova raça', 'nova religiosidade', etc." (10).

Uma segunda e terceira partes da conferência o A. dedica a uma rápida análise da realidade de El Salvador.

A intuição do A. sobre o "descobrimento" não deveria ser perdida de vista na reflexão sobre o quinto centenário do que se pretende com freqüência denominar o "encontro" de culturas que teve como resultado a AL atual.

F. T.

PREZIA, Benedito — HOORNAERT, Eduardo: *Esta terra tinha dono.* — São Paulo: FTD, 1989. 184 pp., 25,8 x 18 cm. ISBN 85-322-0022-2

Enfim dispomos de um livro de texto que possibilite a alunos e professores 1º e 2º graus uma visão da história do Brasil na perspectiva dos povos indígenas. O livro é resultado de um mutirão de que participaram as equipes do CIMI, da CEHILA Popular e do CEDEP (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá).

O texto está dividido em três partes compostas de unidades subdivididas em capítulos. A primeira unidade da primeira parte focaliza a evolução da humanidade até a época do povoamento do Continente, há uns 50.000 anos atrás. Esse dado, mesmo que aproximado, visa a sublinhar o direito dos povos indígenas às terras posteriormente invadidas por europeus. Na segunda unidade desta parte, são brevemente descritos os povos que habitavam nossa terra, os grupos em que se subdividiam por troncos e famílias lingüísticas, seus ritos, costumes e leis.

A segunda parte esboça a "história de massacres" que se seguiu à invasão ibérica do Continente. É uma leitura da história a partir de seu reverso, a partir dos vencidos. Importantíssima para quem queira transmitir aos alunos uma visão nova de acontecimentos tão mencionados como a Confederação dos Tamoios e a "epopéia" bandeirante, e descobrir outros menos conhecidos, mas de importância decisiva na ocupação da terra pelos portugueses. Desfaz-se a lenda da ocupação pacífica do território nacional e da fusão harmônica das raças. O massacre continuou no séc. XIX e só um cego não vê que continua no séc. XX apesar de figuras como Rondon.

A terceira parte abre perspectivas para o futuro dos povos indígenas em nosso país.

Cada capítulo é seguido de uma leitura complementar que ilustra algum dos aspectos nele estudados, e de uma bibliografia específica. Além disso, há no final uma breve bibliografia mais genérica para entender a questão indígena, bem como listas de livros infantis, filmes, vídeos e "slides" sobre o mesmo assunto. A obra tem uma apresentação agradável, textos curtos com muitas ilustrações, retomada em destaque dos pontos mais importantes, cronologia comparada com a história universal, européia e/ou latino-americana e no final um vocabulário (cujo critério de escolha ficou, aliás, obscuro para o recenseador).

Para um juízo sobre a obra, valha transcrever um trecho da abalizada apreciação do Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás:

“Até agora o que havia para as escolas era uma história mal contada. Era a versão dos donos da política, dos bugreiros, dos bandeirantes, dos reis de Portugal e Espanha.

Esta nova versão é o reverso da medalha: é a história contada a partir dos próprios índios, até hoje sem voz nem vez.

Os que elaboraram este livro não são índios. São historiadores e pedagogos aliados dos índios. Não torceram os fatos a favor dos índios vencidos, como outros os torceram a favor dos opressores vitoriosos. Realizaram, sim, uma obra realmente científica, baseada em rigorosas pesquisas e vazada em moderna pedagogia. Fizeram um livro didático fundamentado na mais séria historiografia. É por isso que nele vêm à tona os crimes hediondos dos falsos heróis da nossa história.

Como é obra pedagógica, ela nos questiona e, ao mesmo tempo, provoca nosso questionamento. Mais ainda, ela estimula nossa busca de aprofundamento na matéria. Aguça nosso apetite de irmos mais longe neste saber apaixonante e, sobretudo, de nos aliarmos aos remanescentes índios na sua luta atual de recuperação do tempo e do espaço que lhes foram roubados”.

Este livro é uma forma adequada para nos prepararmos para os “500 anos de invasão, genocídio e evangelização”, conforme a expressão forte da ONIC (Organização dos Indígenas da Colômbia).

F. T.

LIMA, Délcio Monteiro de: *Os demônios descem do norte*. — Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 155 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-265-080-5

Livro que fez sucesso editorial e que recebeu comentários elogiosos em certos meios de comunicação. Livro que não passou despercebido do público. Livro que revela um autor capaz de boa comunicação com grandes públicos. Livro fácil de leitura, de porte médio, sem aparatos bibliográficos e notas. Segue um estilo não convencional nos livros. As citações não têm indicação de referência. Quebra um gênero literário técnico e pesado, para assumir maior leveza e facilidade de leitura.

O livro trata fundamentalmente do fenômeno do gigantesco progresso das seitas no Brasil e tenta encontrar-lhe uma explicação. A tese central do A. procura situar-se entre dois extremos. De um lado, imaginar que tal fenômeno faz parte de um complô internacional, planejado e sustentado pela CIA americana, a fim de debilitar a força da Igreja católica, profundamente envolvida com a transformação social do país e em discrepância com fortes interesses capitalistas, especialmente americanos. De outro, pensar ingenuamente que se trata unicamente de um fenômeno religioso. As seitas cresceriam pela sua força evangelizadora e organizadora.

Acontece sim, um aproveitamento inteligente, uma hábil manipulação por parte de interesses políticos — parte da primeira tese — das fissuras verificadas no

arcabouço católico tradicional, que deixaram massas de fiéis católicos vulneráveis à pregação das seitas — parte da segunda tese.

No livro o A. descreve com enorme riqueza de informação a presença e o crescimento das diferentes seitas no Brasil, sobretudo de procedência americana. Oferece interessantes dados históricos sobre a natureza e origem dessas seitas. São informações preciosas que permitem entender melhor o fenômeno e as razões de seu sucesso. Aparece claro do livro que de fato interferem nesse progresso das seitas interesses outros que religiosos. E termina o livro com uma interpelação acusatória ao nosso governo que não investiga nem se preocupa com tal fenômeno, quando ele tem muitas vinculações, inclusive com a exploração de nosso subsolo. Além disso, muitas seitas são verdadeiro atentado aos padrões culturais do país, sob a capa de religião.

O livro é muito bem escrito, de leitura interessante e fácil. Oferece boa interpretação sobre a atuação da Igreja católica comprometida com a libertação nas CEBs e trata, ainda que rapidamente, também das denominações protestantes tradicionais. Mostra como essas seitas se distanciam muito dessa visão protestante. Intriga muito o leitor a constatação evidente da estreita vinculação das seitas com as campanhas contra o comunismo, surgidas nos meios reacionários americanos. E outro fator altamente alarmante são as incríveis e monstruosas somas de dinheiro que estão em jogo nesse fenômeno das seitas. Sente-se quão longe se está da simplicidade e pureza do evangelho.

J. B. L.

HEDSTROM, Ingemar: *Volterán las golondrinas?* La reintegración de la creación desde una perspectiva latinoamericana. — San José: DEI, 1988. 242 pp., 20,9x13,3cm. (Coleção: ecología — teología) ISBN 9977-904-66-9

Partindo de um fato ecológico, a presença de milhares de andorinhas que existiam no centro da capital de El Salvador e que hoje já não mais existem, o A. inspirou-se para escrever este livro, cujo título é uma pergunta: Voltarão as andorinhas?

Prefaciado de maneira brilhante por Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz em 1980, o livro é composto de 10 partes, além de poemas, anexos e uma vasta bibliografia. Com a mesma preocupação de seu livro anterior, *Somos parte de un gran equilibrio: la crisis ecológica en Centroamérica* (1986) (cf. *recensão Persp. Teol.* 18 [1986] 279-280), o A. procura analisar uma série de fatores ambientais e suas relações com as populações humanas da América Central. Como biólogo e teólogo, analisa de maneira científica os problemas e procura refletir teologicamente sobre a reintegração da teologia da criação na perspectiva do meio ambiente.

Na primeira parte do livro explicita o conceito de ecologia e sua importância na manutenção da vida. Aborda a questão da crise ecológica e a necessidade de su-

peração do antropocentrismo exagerado, introduzindo, para recuperação de uma integração maior de todas as coisas criadas, o conceito de ecocentrismo. Realça a importância de uma teologia da criação que integre, recupere e salve a harmonia ecológica existente na natureza.

Da segunda à quinta parte do livro o A. descreve uma série de fatos ocorridos na América Central e suas repercussões no meio ambiente, quer na agricultura ou no modelo econômico adotado naquela região.

Nas partes sexta a nona, o A. aborda os grandes problemas da ecologia em âmbito internacional, mostrando que alguns ocorrem de maneira particularizada na América Central. Na sexta parte trata dos ecossistemas falidos (os problemas da contaminação química, chuvas ácidas, camada de ozônio, inversão térmica, contaminação do mar, etc.). Na sétima aparecem problemas de esterilidade humana, doenças, laboratórios atômicos, avanços biotecnológicos, etc. Na oitava analisa a questão do impacto ambiental na militarização da América Central. Na nona parte mostra as consequências trágicas da contaminação com agrotóxicos, sobretudo entre os camponeses.

Depois desta dura realidade descrita nas partes anteriores, o A. desenvolve na décima parte os sintomas alentadores. São diversos temas abordados de maneira abreviada: desde uma nova espiritualidade da natureza até a questão da legislação ambiental, das novas comunidades ecológicas à necessidade de recuperar o respeito pela vida. Quando se termina a leitura desta última parte, tem-se a impressão, pelo menos no nível da utopia, que, se tudo caminhasse como o A. aborda, certamente a sua pergunta inicial estaria respondida: sim, as andorinhas voltarão.

Apesar de serem temas complexos, o A. é feliz ao tratá-los de maneira resumida e acessível ao grande público. Acreditamos que o livro consegue alcançar o objetivo do A. que é despertar o leitor sobre a necessidade de repensar a questão ecológica numa perspectiva teológica. Certamente trata-se de um importante subsídio, sobretudo para os teólogos, no sentido de ampliar e aprofundar a questão da teologia da criação, diante da crise internacional do meio ambiente que coloca em risco a sobrevivência da vida humana.

Josafá Carlos de Siqueira S.J.

BEAUCHAMP, Paul: *Hablar de Escrituras santas: perfil del lector actual de la Biblia.* / Tradução (do francês) Isidro Arias. — Barcelona: Herder, 1989. 19x12 cm. 136 p. ISBN 84-254-1661-2

Este livro, publicado originalmente na França, em 1987, reúne sete palestras do conhecido teólogo, cinco das quais pronunciadas em Paris em 1978 e duas em data ulterior. Se o A. se empenha em dizer, no prefácio, o que não se deve procurar no seu texto — nem informações, nem respostas a perguntas (7) —, poderíamos caracterizá-lo positivamente como uma meditação, uma contemplação quase, do mistério da palavra una e multiforme de Deus na palavra de homens gravada nas S. Escrituras.

O pano de fundo é a Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II. Recomendamos a leitura como celebração dos 25 anos deste grande texto conciliar, que ainda não perdeu sua atualidade, ou cuja atualidade talvez ainda não tenha sido plenamente percebida.

A primeira parte, "A Bíblia, Palavra de Deus, e a palavra do homem", abrange uma meditação sobre a Bíblia como testemunha do encontro entre Deus e o homem, e um esboço do perfil do leitor depois do Concílio Vaticano II. A segunda parte, "Livro uno e múltiplo", focaliza a diversidade do falar de Deus no tempo e nas pessoas. A terceira parte, "Livro de todos e livro de um povo", contempla a universalidade concreta do falar humano-divino nas figuras de Adão, Abraão e Israel.

O A. demonstra viva consciência do caráter encarnado do falar de Deus: *em* os profetas, *em* Cristo e *em* os autores humanos das Escrituras. Indo além do conceito de "condescendência" da palavra divina (Pio XII), focaliza a complementação dada pelo Vaticano II a este termo: a fragilidade da Palavra na sua encarnação escriturística (25s). Encarnação é *kénosis*. P.B. fala assim no contexto de uma Europa cética; nós podemos interpretar este enunciado no contexto de uma América injusta e oprimida: a palavra bíblica, tampouco como oferece teoremas intelectuais aos europeus, oferece receitas políticas a nós. Apenas um falar divino em pessoas historicamente situadas e limitadas...

P.B. fala em "prolongar o Concílio" na sua corajosa abertura e insistência em que o povo seja o sujeito da leitura bíblica (36s). Na fé, que não é servilismo, mas audácia de filhos e filhas. Como realizar esta leitura que é o "ser discípulo de Deus" de Is 54, 13, a "sabedoria"? Como penetrar na Escritura — mais do que assimilá-la intelectualmente? O único caminho é o do compromisso eficaz com sua palavra (45). Trata-se de um "desejo total" de estar no âmbito deste diálogo, e isso, não por causa do livro, mas por causa da vida que nele se transmite, especialmente a de Cristo (cf. 51).

Na segunda parte, refletindo sobre a diferença e até contraditoriedade no sucessivo falar de Deus nos diversos momentos históricos, P.B. faz uma interessante releitura do sacrifício de Isaac, que não convém sintetizar aqui, mas que nos ensina a ver o ensinamento por Deus como um verdadeiro diálogo progressivo e dinâmico. E assim entendemos melhor o dinamismo entre os dois grandes momentos do falar bíblico: o Antigo e o Novo Testamento. Mas a palavra da Bíblia é plural não só no tempo, como também nos seus locutores. É uma mensagem a várias vozes. P.B. lembra uma dupla regra: postular a harmonia, mas não se apressar para estabelecê-la... (69). E leva-nos a descobrir o silêncio onde se escuta o sentido no meio dos sons.

A terceira parte são propriamente exercícios de leitura, igualmente permeados pela dialética do múltiplo e do uno, do universal no concreto. Pois só assim a palavra múltipla será mensagem para todos. E podemos dizer que P.B. se mostra um mestre em realçar a universalidade, muitas vezes escondida, do AT, condição necessária para que no seu seio pudesse brotar a palavra de Cristo válida para todos.

Mestre do paradoxo, P. B. nos ajuda a ler a Bíblia com maleabilidade mental. Estereótipo e fixismo não fazem jus à vida condensada na S. Escritura. "A história bíblica é a história da *transformação do homem bíblico*" (128).

No epílogo, volta ao tema enunciado no título: a santidade da Palavra e da

Escritura. Como as brasas que purificam os lábios de Isaías na presença do Santo, as palavras das *Escrituras Santas* "saem do fogo e nos fazem entrar nele"... (135).

J. K.

SUESS, Paulo: *A causa indígena na caminhada e a proposta do CIMI: 1972-1989*. — Petrópolis: Vozes, 1989. 109 pp., 15,8x11,4 cm. (Coleção: teologia orgânica; 21) ISBN 85-326-0010-7

Neste opúsculo, o assessor teológico do CIMI, P.S., apresenta uma espécie de relatório sobre a história e as atividades do CIMI nestes 17 anos de existência. Sem dúvida, um belo balanço de atividades em prol desses povos condenados ao extermínio pela ganância da sociedade envolvente.

A análise das metas e linhas de ação do CIMI mostra ao mesmo tempo sua importância em relação aos diversos segmentos junto aos quais pretende atuar: o Estado, os povos indígenas, a Igreja e a sociedade. Basta a enumeração dessas metas e linhas de ação, para percebê-lo: terra, autodeterminação, cultura-encarnação-inculturação, pastoral de conjunto, ecumenismo e diálogo religioso, evangelização e conscientização. Por aí se vê também como a CNBB entende a evangelização dos povos indígenas hoje: uma evangelização integral, testemunhal, para ser mais fiel à missão da Igreja.

A complexa situação dos povos indígenas no Brasil, com os diferentes graus de contato com a civilização envolvente, faz com que seja muito difícil uma regra geral para a prática evangelizadora. P.S. esclarece: "O CIMI nunca abriu mão de uma 'evangelização explícita'; coloca-a, porém, num contexto de inculturação e solidariedade do missionário, de autodeterminação do índio e do diálogo religioso e cultural entre religiões e culturas diferentes. A monocultura eclesial contradiz muitas declarações sobre a equidistância da Igreja diante das diferentes culturas. [...] A 'evangelização explícita' tem o seu lugar onde o missionário 'domina' o código cultural do respectivo povo, onde ele não submete os índios à circuncisão da civilização ocidental e onde o respectivo povo indígena deseja a atuação missionária no campo religioso" (49). Nesse sentido é elucidativa a distinção entre cinco tipos de atitudes possíveis do missionário: presença destruidora, integradora, indiferente, paralela e evangelizadora (ib.).

F. T.
